
Apresentação

A nova edição da Revista de Comunicação Dialógica chega ao público com quatro textos dedicados às discussões relacionadas às comunidades tradicionais. Se a chamada para o envio de artigos aconteceu no último ano de um governo que atacou de diferentes formas os povos tradicionais, o oitavo número da revista fica pronto no início de um novo governo, com o mesmo presidente que instituiu em 2007 a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT. A criação dos ministérios de Igualdade Racial, Povos Indígenas e Direitos Humanos gera expectativas para a retomada e avanços nas políticas públicas para estas comunidades.

Os desafios para estes grupos sociais continuam, mas ao menos há mais possibilidades para o diálogo e para o reconhecimento de outros modos de viver. A última prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), realizada em 2022, mostrou a importância das comunidades tradicionais para a consolidação de um país mais plural, diverso e sustentável. Nesta ocasião, mais de dois milhões de pessoas tiveram que ler, refletir e escrever uma redação cuja temática foi “Desafios para a valorização de comunidades e povos tradicionais no Brasil”.

Muitos dos povos oficialmente reconhecidos como tais no país são desconhecidos por grande parte da população brasileira e estão ausentes também da produção científica nacional, o que se reflete na quantidade e qualidade de textos, teorias e metodologias aplicadas para a discussão das temáticas que envolvem estas comunidades.

Para contribuir então com esta produção, esta edição da RCD conta com uma resenha do livro “El Pueblo Gitano contra el Sistema Mundo: reflexiones desde una militancia feminista y anticapitalista”, de Pastora Filigrana. A autora da resenha, Sara Macêdo de Paula, uma jovem cigana pesquisadora e advogada no Brasil, destaca a relevância deste livro escrito por uma outra cigana advogada e sindicalista da Espanha, que traz uma reflexão sobre os processos históricos que envolvem este povo no país ibérico. Uma comunidade que ainda sofre com muita invisibilidade e marginalização vem ganhando protagonismo em suas lutas contra o Anticiganismo na Europa, o que vem sendo acompanhado por um número crescente de publicações, especialmente de autores/as ciganos/as. Infelizmente, esta produção ainda não tem alcançado territórios brasileiros, o que dá ainda mais relevância para esta resenha em português. Uma oportunidade para estudiosos e ativistas dos movimentos racializados no Brasil conhecerem um pouco mais das contribuições dos povos ciganos para combater o sistema mundo que ignora e persegue comunidades e povos tradicionais.

Já os povos quilombolas receberam a atenção em dois textos. No artigo “As artes de si: epistemologias alternativas em processos artísticos aquilombados”, os saberes destas comunidades são valorizados e ressignificados para a compreensão do trabalho produzido

por três artistas negras do Brasil e dos Estados Unidos. O grande diferencial deste artigo é que ele nos afasta da tradicional abordagem em que as comunidades tradicionais são vistas como produtoras de artesanato ou folclore. Aqui, a autora Amália Coelho de Souza traz uma reflexão sobre a arte, sua criação, produção e fruição a partir das práticas artísticas quilombadas, tensionando também as próprias discussões sobre o conceito de arte. Nesta perspectiva, a cultura e a arte destas comunidades são valorizadas na força de seus processos criativos e no diálogo com o presente, o passado e, principalmente, o futuro.

O outro artigo que se dedica a estas comunidades nos apresenta o quilombo Mesquita do estado de Goiás a partir de uma reflexão sobre o conceito de Bem Viver. Com o título “Bem viver no Quilombo Mesquita: O saber local e a preservação ambiental de uma comunidade tradicional”, os autores, vinculados à Universidade de Brasília, Danusa Benedita Lisboa, Liza Maria Souza de Andrade e Mariane Silva Paulino, traçam um breve histórico desta comunidade quilombola do interior de Goiás para explicar os processos vividos atualmente por seus membros, especialmente no que se refere à luta pelo seu território. Por meio da observação participante, as características desta comunidade são apresentadas com a finalidade de refletir se o conceito de “bem viver” pode ser aplicado ao quilombo Mesquita. Os saberes tradicionais, a vivência e a memória coletivas, os modos de se relacionar entre si e com os recursos naturais disponíveis em seu território são alguns dos elementos analisados pelos autores.

Por fim, o último artigo que apresentamos aqui é uma tentativa de dialogar com as comunidades tradicionais do litoral do país, como os caiçaras, pescadores artesanais e isqueiros, para discutir como a urbanização e a gentrificação turística de pequenas cidades do litoral afetaram comunidades que se mantinham à beira-mar com tradições próprias como é o caso das mulheres rendeiras. No artigo “Narrativas de rendeiras e o processo de deslitoralização na região de Aquiraz: a transmissão intergeracional da produção do bilro”, dos autores Sandra Maia Farias Vasconcelos, Fernando Antônio Bezerra de Carvalho, Priscila Alves e Silva Siqueira e Samuel Freitas Holanda, entendemos um pouco mais do processo vivido por mulheres do litoral cearense que trabalham com a técnica tradicional do bilro e enfrentam os desafios desta tradição que vai além de uma ocupação laboral ou fonte de renda, já que está relacionada também ao modo de vida de comunidades litorâneas e às relações de transmissão de saberes entre mulheres de diferentes gerações.

Esperamos que estes textos contribuam com o campo acadêmico relacionado aos povos e comunidades tradicionais para que a produção teórica desta área possa se fortalecer e contribuir com a valorização destes saberes, modos de vida e territórios na construção de um sistema mundo que seja menos excludente.

Boa leitura!

Gabriela Marques Gonçalves